



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Guerrilhas Semiológicas e Incivilidade em espaços de outra ordem

Semiological Guerrilla and Incivility in spaces of a different order

Eduardo Ruedell

Palavras-chave: Guerrilha semiológica; Heterotopias; Circulação Discursiva; Incivilidade; Mediatização.

Ao analisar as estratégias utilizadas por participantes em espaços para comentários em páginas de notícias *online* (RUEDELL, 2018), é possível observar a ação de processos de mediação executados pelos próprios participantes, ou pelos veículos de comunicação. Em muitos casos, essas mediações são executadas a fim de neutralizar os efeitos justamente das estratégias discursivas postas em prática pelos participantes, sejam elas ou os próprios sujeitos indesejáveis nesses espaços.

O procedimento de estudo deste fenômeno é usualmente levado a cabo através da análise das dinâmicas de interação, considerando a circulação discursiva enquanto *fluxos adiante* (BRAGA, 2012). Esse viés considera que a circulação não se limita à relação produtor-receptor, "uma vez que o receptor faz as reações ao que recebe seguirem além" (RUEDELL, 2018). Braga (2012) sugere, ainda, a existência de um *contrafluxo*, que agenda a produção de acordo com o que se pretende ou recebe como reação.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Para tanto, considera-se uma reconfiguração dos papéis exercidos na produção e na recepção, e que, de acordo com Fausto Neto (2010, p. 60), "trata-se da ordem interdiscursiva onde a circulação – como “terceiro” – se oferece como um novo lugar de produção, funcionamento e regulação de sentidos", embora não haja uma demanda para que a análise, quando realizada considerando as contribuições de Braga, seja através do viés discursivo.

Por outro lado, o próprio funcionamento da circulação discursiva possibilita diferentes vieses teórico-metodológicos para seu estudo. Neste sentido, grandes contribuições tem sido feitas por Mario Carlón (2018), através de seu estudo sobre o que chama de *circulação transversal*. Essa proposta considera as transformações ocorridas nas últimas décadas na arquitetura comunicacional e no tecido social, e leva em conta que, não apenas os indivíduos realizam intercâmbios de seus discursos nas "redes sociais midiáticas" nas quais atuam, como também "se encontram "dentro" das instituições, meios e coletivos, porque instituições, meios e coletivos são compostos por indivíduos" (CARLÓN, 2018, tradução nossa).

É seguro pensar, então, que os processos de mediação online nestes espaços de comentários, conforme descrito acima, também possam ser efeito dessa circulação transversal. Por outro lado, o próprio ato de mediar em consequência do que circula, da mesma forma gera resultantes. Podemos ter um breve vislumbre de que caminho seguir a partir daí, considerando os efeitos da circulação transversal, que de acordo com Carlón (2018, tradução nossa)

"permite ademais realizar um aporte ao estudo de como os indivíduos midiáticos produzem o que Verón chamava de aceleração da divergência. Uma divergência que soma instabilidade à já muitas vezes diagnosticada crítica situação das instituições desde a pósmodernidade".



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

É neste ponto que gostaria de propor um exercício mental para pensarmos a análise da circulação discursiva, bem como seus efeitos em uma sociedade em vias de mediatização, sob o viés discursivo. O que se pretende é considerar a formação de novos espaços como resultado da circulação discursiva sob a forma de guerrilhas semiológicas. Este conjunto teórico-metodológico vai de encontro a um dos caminhos epistemológicos que vem sendo percorridos pelo Grupo de Pesquisa Circulação Discursiva e Estratégias Comunicacionais, da Universidade Federal de Santa Maria.

A ideia da circulação discursiva sob a forma de guerrilhas semiológicas já fora proposta por Mario Carlón durante sua fala no II Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais (Unisinos, 2018). O que pretendo, por outro lado, é abrir o novelo que envolve a formação deste conceito e mostrar como a incivildade permeia a comunicação se valendo de técnicas de guerrilha semiológica.

Quando pensou as guerrilhas semiológicas, Eco (1984) considerava a recepção de discursos emitidos por grandes veículos de comunicação, por parte de uma massa que desconhecia os processos de produção, e portanto estava mais suscetível a tomar as informações recebidas como verdades. O que ocorre, então, é o uso dos discursos midiáticos de forma a acentuar ou denegrir determinados sujeitos, grupos ou instituições.

De acordo com Eco (1984), até certo tempo atrás, a tomada de poder exigia o controle sobre o exército e a polícia, mas hoje, "basta que um país tenha alcançado alto nível de industrialização para que se mude por completo esse panorama": detém o poder quem controla a mídia.

Ao mesmo tempo, as grandes transformações sofridas na base estrutural da comunicação com a expansão da internet, propiciaram uma nova mudança. Hoje,



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

grandes grupos midiáticos veem seu poder diminuir frente ao uso de redes sociais digitais e as opiniões ali compartilhadas.

Ações de guerrilha semiológica, agora, são realizadas de sujeitos para outros sujeitos. É através de grupos de *whatsapp*, comentários no *facebook* e *instagram*, ou através da participação em espaços para comentários de *websites* de veículos de comunicação, que se articulam estes "guerrilheiros mediatizados", criando "verdades" e ressignificando e circulando discursos.

Mas se o fechamento de espaços para comentários e a adoção de políticas de mediação pareçam efeitos óbvios a essas ações, quais seriam as *suas* consequências para os espaços "ocupados" pela comunicação?

Ao contrário do que podemos ser levados a pensar, não há um "estreitamento geográfico" da comunicação, mas sim o surgimento de *outros espaços*, ou como os denominou Michel Foucault: *heterotopias*.

Foucault trouxe o conceito de heterotopia em contraponto ao de utopia durante um seminário proferido em 1967 para arquitetos na Tunísia, e falava especificamente dos espaços físicos e mentais ocupados na e pela sociedade, bem como suas mudanças a partir da modernidade.

Para Foucault, todas as sociedades constroem suas próprias heterotopias, seus "contra-espacos", que se apresentam sob formas radicalmente diferentes. Dentre as configurações possíveis para uma heterotopia, existem as heterotopias de desvio: lugares reservados para os sujeitos que "desviam" seu comportamento do que é socialmente desejável (hospícios, cemitérios, asilos, etc.). A inserção em um destes espaços se dá através do cumprimento de determinados rituais.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Neste sentido, gostaria de tratar aqui os espaços para participação online *fechados* ou *mediados* como heterotopias de desvio, ou seja, *lugares de outra ordem* e ainda sem definição na sociedade em vias de mediatização. A inserção nesses espaços depende justamente de um desvio: da ideia corrente da internet como espaço de livre-opinião. E embora pareça um "lugar seguro", seu próprio cânone também constitui amarras, limitando o movimento dos participantes ali inseridos.

Portanto, o que proponho através deste trabalho, é a descrição da formação destas heterotopias de forma prática, através do exemplo do periódico britânico *The Guardian*, como consequência de atos de incivilidade manifestados através de guerrilhas semiológicas levadas a cabo nos espaços para comentários do *website* do jornal. Meu objetivo, é, então, uma proposta metodológica de análise da circulação discursiva e seus efeitos sobre o tecido social, considerando não apenas suas consequências sobre o fazer comunicacional, como também enquanto agente de formação de novas estruturas sociais e a constituição de novos espaços.

Referências bibliográficas

BRAGA, José Luiz. La política de los internautas es producir circuitos. In: CARLÓN, M.; FAUSTO NETO, A. (Org.). **Las políticas de los internautas**. Buenos Aires: La Crujía, 2012.

CARLÓN, Mario. Medios individuales, medios colectivos y circulación transversal - Desde "adentro hacia afuera" y desde "afuera hacia adentro" (o como afecta la nueva circulación a las instituciones sociales). In: CASTRO, P. C. (Org.). **Circulação Discursiva e Transformação da Sociedade**. Campina Grande: EDUEPB, 2018.

ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FAUSTO NETO, Antonio. **As bordas da circulação**. Alceu (PUCRJ), v. 10, p. 55-69, 2010.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

FOUCAULT, Michel. Des espaces autres. In: **Dits et écrits**: 1954-1988, t. IV (1980-1988). Paris: Éditions Gallimard, 1994.

RUEDELL, Eduardo. Enunciação, referência e coenunciação. Anais do II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais, [S.l.], v. 1, n. 2, jul. 2018.